

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 223

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 15500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

Não ha homens

Em Portugal não ha homens. E ou os educamos,—temo-lo dicto n'este *Povo de Aveiro* muita vez—ou os creamos, se é possível, ou succumbimos.

Todo o portuguez é irresoluto, contradictorio, incoherente, incongruente. Não tem idéas definidas, nem plano formado. Ou, se chega a ter alguma coisa d'isso, falta-lhe a energia para defender e propagar as idéas, a tenacidade e a abnegação para levar por deante o plano.

A certa altura cahiu, ou desvairou. Como um neurasthenico ou como um doido.

Alexandre Herculano parecia um homem de bronze. Mas só porque os reaccionarios o atacaram, amou, fugiu da sociedade, passou o resto da vida a carpir-se e deixou incompleta a sua *Historia de Portugal*.

Mousinho d'Albuquerque parecia outro homem de bronze. No fim de contas, era pequeno na sua grandeza.

Estes dois homens definem admiravelmente a alma nacional. Somos uns desalentados, somos uns allucinados. Não sabemos vér ao longe. Não temos uma larga comprehensão da humanidade. Por isso mesmo o nosso ideal é mesquinho.

Alexandre Herculano deixa incompleta a sua *Historia de Portugal*. Mas essa mesma parte que escreveu, só foi escripta por amor d'um rei. E não teve duvida em o escrever! E não hesitou em o affirmar!

Mousinho d'Albuquerque sente mais gloria em se affirmar um cortezão do que um cidadão. E mata-se, quando se sente vencido pelas intrigas d'uma camarilla ignobil!

Eram verdadeiramente grandes, esses homens? Não. E' a nossa vaidade que os faz tamanhos. Eram homens de incontestavel valor. Mas incompletos. Mas um pouco mesquinhos, afinal.

E com todos e em tudo assim.

Eça de Queiroz, depois de escrever *O Crime do Padre Amaro*, escreve, na *Correspondencia de Fradique Mendes*, a carta a Guerra Junqueiro, onde considera detestavel o Milenio em que cada cavador de enxada seja um philosopho, um pensador. Haverá sempre, diz, ao lado da mulher, para uso da sua fraqueza, um altar, uma imagem e um padre. «As multidões humanas, accrescenta, não são compostas de Socrates e de Senecas—bem felizmente para ellas, e para os que as governam, incluindo v. que as pretende governar.»

Era um aristocrata que não agitava problemas sociaes, nem

fulminava ridiculos, no proposito de educar, de regenerar, de civilisar, mas no proposito de fazer brilhar a sua fórma admiravel. Não era um philosopho. Era um artista. Com a fraqueza, mesquinha tambem, de se sentir offendido com a simples idéa de que as multidões se poderiam elevar até elle.

A sua aristocracia diminua com isso. Sentia-a mais alta, mais orgulhosa, á idéa do povo ficar eternamente escravizado.

Guerra Junqueiro põe no fim da *Patria* o *Balanço patriótico*, onde considera a questão de principios e a questão de fórmas de governo uma questão meramente secundaria. «Fora o rei um homem, exclama, que a nacionalidade moribunda se levantaria por encanto. E bem se me dava a mim da questão politica, da fórma de governo.»

O mesmo ponto de vista, afinal, de Oliveira Martins. Oliveira Martins tambem queria o rei um homem e para esse fim trabalhava.

Ambos se esqueciam de que o rei não pôde ser um homem onde houver homens, e de que nunca será um homem onde não houver homens.

Ramalho Ortigão deixa de ser republicano por o povo *cheirar mal*.

José Caldas proclama que não vale a pena instruir o povo.

Sempre o mesmo ponto de vista mesquinho. Sempre incompletos, os nossos homens de maior valor. Sempre contradictorios, sempre incoherentes, sem idéas definidas, sem plano formado, sem energia e largueza na affirmação e na defeza da idéa, sem persistencia, sem tenacidade e abnegação no cumprimento do plano.

Parece que, falando ou escrevendo, e escrevendo prosa ou escrevendo verso, só tem, todos elles, um objectivo: a fórma artistica do pensamento. A parte externa, o enfeite.

Todos elles vão, tambem, atraz da famosa mania das grandezas, que é uma das mais graves doenças da nação. O seu preconceito aristocratico affirmase em tudo. Quasi todos elles preferem ser cortezãos a ser cidadãos.

Alexandre Herculano termina o prefacio da sua *Historia de Portugal* dizendo que o seu livro significa apenas uma saudade desfolhada ao pé de uma sepultura.

«Digo o, accrescenta, porque não espero nem quero dos vivos nem agradecimento nem recompensa, supposto que estes volumes os merecessem ou valessem. Recompensa tive-a inteira no affecto da mais nobre e mais pura alma (D. Pedro V) que encontrei na terra. Oxalá que, n'esta pia peregrinação de um espirito até á beira de um tumulo, o romeiro não depo-

nhia descoroço do o baculo, ou não adormeca do grande somno da morte antes o voto cumprido.»

Um verdadeiro cortezão. Até esse, que tanto censurava as cortezanias, era, afinal, um cortezão!

Cortezão extreme era Mousinho de Albuquerque. Cortezão extreme é Ramalho Ortigão. Cortezão foi Oliveira Martins e, mais ou menos, Eça de Queiroz. Todos com vivo desprezo pela sua qualidade de cidadãos. Este nome era objecto de mefa.

Os proprios republicanos sentem palpitar denro de si o sentimento aristocratico.

E d'ahi o abandono completo a que todos lançaram o povo. Invoca-se o nome do povo a cada instante. Mas a verdade é que ninguém tem trabalhado a sério em o instruir, em o educar, em o elevar. Só nos poderíamos libertar da casta burocratica, e corrigir a insensatez da casta dos intellectuaes, prejudicialissima como estamos vendo, augmentando a cultura e o bem estar das multidões. N'ellas se encontraria o elemento de correcção a tantos abusos e a tantos desvarios. Abandonado o povo á sua miseria material, intellectual e moral, annullada essa grande fonte de renovação, dominou por inteiro o hysticismo, a neurasthenia, o desvairamento, a loucura.

E'—falamos agora dos que já não attingem a craveira dos grandes homens—um paiz de insensatos, de fracalhões, de allucinados, de fracos, de insensatos na litteratura, insensatos na arte, insensatos em tudo. Criaturas que desalentam por uma insignificancia, que dizem e desdizem, que fazem e desfazem, de Pedro e Paulo, audaciosos e poltrões, revolucionarios e conservadores, victimas e juguete da sua desgraçada pobreza physiologica. Isto não é um paiz governado por homens. E' um paiz governado por homensinhos. De homensinhos se compõe a grande maioria da nossa classe dirigente. Homensinhos que não sabem o que fazem nem o que dizem, dizendo e fazendo cada um d'elles, no entanto—para maior desgraça!—como mil. E quando entre elles apparece algum que sabe o que faz e o que diz, apressa-se logo a vender a consciencia ou a alugar o pensamento.

Mas estes são poucos. Pouquissimos! Antes—a haver um mal—fossem muitos. Talvez que, libertos da turba multa dos idiotas, fossem menos tratantes. Pelo menos, trabalhavam por conta propria, o que viria a diminuir o custo do trabalho.

E por muito maus que fossem, não nos teriam levado a peor situação do que esta a que chegámos.

INSTRUCCÃO PUBLICA

No seu livro *L'Enseignement au point de vue national* diz Alfred Fouillée:

«Em resumo, o ensino das sciencias deve ser organizado n'um fim de cultura geral e de maneira a formar por seu lado um verdadeiro systema de humanidades. Ao mesmo tempo, deve assegurar a selecção das capacidades scientificas e preparar assim á nação a elite de homens de sciencia de qua ella necessita. Para attingir este duplo fim, não é a quantidade dos conhecimentos que se deve tomar em consideração, e é esse o erro que tem commettido os redactores de programmas, quer para os lyceus e o bacharelado, quer para as escolas do governo. O que importa é a qualidade do saber, o methodo, emfim a organização dos conhecimentos. A qualidade do saber consiste em elle ser racional em lugar de ser mechanicamente e puramente mnemonico; o methodo deve ser activo e philosophico; a organização deve concluir pela philosophia da natureza e pela philosophia dos costumes.»

O poder da dominação philosophica é o supremo criterio da vitalidade intellectual e scientifica d'uma raça: a Grecia, a França do seculo XVII e do seculo XVIII, a Alemanha do seculo XIX o demonstram e provam brilhantemente. A hegemonia scientifica nunca pertenceu nem pertencerá jámais senão ás nações letradas e philosophas: o progresso da sciencia está na razão inversa do ensino mechanicamente e utilitario das sciencias e na razão directa dos progressos da cultura litteraria e philosophica. O mesmo se pôde dizer em relação á hegemonia politica. Não foram só os generaes allemaes que triumpharam dos exercitos francezes. Foram tambem os genios especulativos da Alemanha, aquelles que, desde um seculo, tinham levantado a litteratura, a philosophia, a sciencia e, por consequencia, o espirito publico allemão. Não fomos batidos apenas pelos Bismarck e os Moltkes. Fomos batidos tambem pelos Kant e os Fichte, pelos Goethes e os Schillers, pelos Alexandre Humboldt e Guilherme Humboldt, pelos Gauss e os Helmholtz.

Os sábios francezes do seculo ultimo eram grandes theoreticos. Mas quando foi preciso defender o paiz tornaram-se grandes praticos. Souberam improvisar ao mesmo tempo as armas, os vestidos, as munições do soldado. Glouet, discipulo de Monge, arranja um processo para transformar o ferro em aço fundido. Vandermonde fabrica a polvora. Berthollet a moeda. Rochelle as armas. Guyton-Morveau tempera as laminas dos sabres e com Coutelle e Conté constrõe balões, dirigindo companhias de aerostatos. Chapeu organisa a telegraphia. Etc.

O enthusiasmo especulativo transformou-se em enthusiasmo d'ação, e dos cumes da sciencia, como d'um novo Olympo, desceram, semelhantes aos deuses de Homero, os principios os mais abstractos a misturar-se nos conflictos dos povos.»

Fouillée pretende conservar os estudos classicos, accommodando-os, contudo, ás novas necessidades, que, no seu outro volume *Les Études classiques et la démocratie*, divide em tres cathogorias: necessidade dos estudos scientificos, necessidade dos estudos sociaes e necessidade das linguas vivas.

A sciencia quere-a estudada na sua theoria e nas suas grandes applicações.

Os estudos sociaes julga-os uma consequencia necessaria do advento da democracia, por isso que para os cidadãos chamados a tomar uma parte mais ou menos directa nos negocios publicos se torna indispensavel o conhecimento das questões politicas e economicas. Além d'isso, o enfraquecimento das crenças religiosas, diz, torna necessaria, como compensação, uma cultura philosophica, moral e sociologica, que possa regular e orientar os espiritos.

Quanto ao estudo das linguas vivas, se não o considera uma

necessidade tão imperiosa, julga-o, no entanto, conveniente.

Aos que combatem o latim, como inutil para o conhecimento do código ou para a pratica da medicina e da cirurgia, perguntalhes se a historia não é tambem inutil para os medicos, e as sciencias inuteis para os advogados.

Não ha duvida que Fouillée tem razão. Não ha muito que um dos redactores do *Povo de Aveiro* referia, aqui, o facto d'um estudante, premiado em mathematica na Universidade de Coimbra, ignorar profundamente alguns dos factos mais importantes da historia portugueza.

Outro conhecemos nós, tambem premiado em chimica e outras sciencias na referida Universidade, que desconhece os principios mais elementares da organização administrativa e politica do paiz.

E, como estes, duzia d'elles. Ora se esses homens souberem menos mathematica, menos chimica e physica, e mais sciencia moral, bem mais ganhava a causa dos progressos nacionaes.

Esses apologistas das sciencias, com o maior desprezo pelas questões de interesse publico, não tem sido dos menos responsaveis na decadencia do paiz.

O calcetamento do Largo Municipal

Já está franco ao publico a parte sul d'aquelle largo, bem como uma faxa pelo nascente, até ao correio. A pequena parcella que está por concluir não poderá levar mais de quinze dias de mão d'obra.

Pela parte calcetada já de dia e á noite se vê muita gente passeando e analysando aquelles trabalhos.

Pôde agora o publico, sem correr o risco de se enterrar em lama quando chover, atravessar o largo em qualquer direcção. Deve-se esse serviço ao activo presidente da camara municipal que é incansavel em tudo e para tudo.

Acha-se, por esse motivo, e pelos demais serviços prestados á terra, o povo d'Aveiro muito grato a s. ex.ª. Não é só o d'Aveiro, pois que o das aldeias proximas, reconhecendo-lhe as suas excellentes qualidades de administrador, tambem já lhe prestam justiça.

Para os *Chigas* e quejandos é que elle continúa a ser mau presidente (mas o melhor de ha quarenta annos), e á bica para ser empurrado da camara pelos seus... proprios correligionarios.

Fortes brutos traz Deus ao cimo da terra!

OS PHOSPHOROS

Estamos a ver que para o seculo XXI, mas depois do povo fazer andar em bolandas a Companhia dos Phosphoros, sempre alcançaremos ver no mercado os phosphoros do novo padrão que há tanto tempo nos prometteram. Parece nos bem que não erramos. Pois se não fazem tenção de os exporem tão cedo á venda, ao menos fornecem aos consumidores o numero de phosphoros do contracto e que tenham mais alguma maça e pavio.

Ou será preciso a intercessão de algum anjo ou santo da corte celestial? Parece que sim!

Cartas d'Algures

13 DE NOVEMBRO.

O sr. Bernardino Machado attribua a influencias do liberalismo inglez a corrente de livre cambismo, que, n'um momento dado, invadiu o paiz.

Ora o livre cambio não é apañagio da Inglaterra. Faz parte, mais ou menos, dos programmas democraticos dos partidos avancados de todos os paizes da Europa e da America. Excepto do partido republicano portuguez. Só este partido faz excepção a essa regra, que é geral, que é universal.

Como já escrevemos aqui, por mais do que uma vez, não dizemos que Portugal podesse adoptar o livre cambismo. Mas o que affirmamos, e continuaremos affirmando, é que ha differença entre proteger e esfoliar, e em Portugal não se vem fazendo outra coisa, ha mais de doze annos, senão esfoliar cruelmente o pobre consumidor.

A França é uma nação altamente proteccionista, principalmente depois das leis do famoso Meline, tão odiado e combatido por radicaes e socialistas francezes. Ora, examinando as cotações dos trigos nos mercados de Paris, desde 1892 até 1903, vê-se que só uma vez, e n'um mez, atingiram os trigos, n'aquelle mercado, o preço de 540 réis os dez kilos. Fora d'isso regularam sempre entre 333 réis (18fr.50 cada 100 kilos) e 423 réis (23fr.50 cada 100 kilos). Só no mez de dezembro de 1897 chegaram a 540 réis, (30fr.00 cada 100 kilos).

Em Portugal, o preço regulamentar, como temos dicto, é de 690 réis cada dez kilos, para o trigo rijo, e de 720 para o trigo molle. O preço official. Porque não é raro vender-se a 800 e, até, a 900 réis cada dez kilos.

Mas todo o mundo acha bem. Incluindo os republicanos, defensores dos interesses dos pobres! E incluímos n'esse numero os republicanos porque ainda não vimos que elles fizessem contra essa usurpação odiosissima, contra essa exploração sem nome, a campanha sustentada e viva que, com menos razão, tem feito os socialistas francezes e allemães—já nem queremos falar na Inglaterra—sempre que, entre elles, se tem accentuado as tendencias proteccionistas.

Na Alemanha cada mil kilos de trigo custaram, em marcos, preço médio, de 1879 a 1883, 210,45 ou seja 473 réis cada dez kilos. De 1884 a 1888, 171,31, ou 385 réis cada dez kilos. De 1889 a 1893, 190, 93, ou 429 réis cada dez kilos. Em 1894, 163,03, ou 366 réis cada dez kilos. De 1894 a 1898, 144,28, ou 324 réis. Menos de metade do preço do trigo em Portugal!

Contudo, na Alemanha todos os democratas protestaram contra esse preço. Em Portugal, todos os democratas estão caladinhos como uns ratos!

Os agrarios allemães, sentindo-se prejudicados, agitaram-se. Crearam o celebre Bund der Landwirte, famosa associação que conta hoje mais de 260.000 socios, associação de auxilio agricola e, ao mesmo tempo, associação politica destinada a fazer pressão eleitoral no Reichstag. Ao mesmo tempo o deputado Kanitz apresentava uma proposta para que fosse concedido ao Estado o monopolio da importação do trigo na Alemanha. Mas em que condições?

Em primeiro logar a Alemanha não prohibia o commercio de cereaes estrangeiros. A liberdade do commercio ficava intactavel. Limitava-se a po-los na fronteira, mediante um certo preço, determinado pela média do curso dos cereaes no paiz durante os ultimos 40 annos, média que se fixou em 215 marcos para o trigo (483 réis cada dez kilos) 145 marcos para o centeio e 135 marcos para a cevada e aveia.

Como se vê, em relação á lei (única no mundo!) que rege os cereaes em Portugal, o projecto Kanitz era uma verdadeira maravilha. Pois foi rejeitado por 219 votos contra 97.

Foi rejeitado, contra elle votaram os socialistas, não obstante ser considerado uma medida de caracter revolucionario.

«Não obstante, diz um escriptor de grande auctoridade no assumpto, a hostilidade dos socialistas, sempre desconfiados com os agrarios, e receosos da sua clientela operaria, pela perspectiva d'uma alta artificial no preço do pão, não era a moção de Kanitz—uma medida de socialismo muito nitidamente caracterizada?»

Até certo ponto era, e tanto que Jaurès não teve duvida em a repetir no parlamento francez, embora com um caracter mais accentuadamente socialista. O mesmo fez o deputado Till na Austria, propondo que o Estado concentrasse nas suas mãos, não só todo o commercio de cereaes, como a toda a industria de padaria e de moagem.

Questões gravissimas, que agitam lá fóra extraordinariamente o espirito publico. Não é só na Inglaterra. E' na França, é na Austria, é na Hollanda, é na Alemanha, é em toda a parte. Excepto n'este cantinho do mundo, o *torrão abençoado, o jardim á beira mar plantado*. Aqui o desgraçado pária come o pão—como tudo!—pelo dobro do que se come lá fóra. Mas os seus legitimos representantes são d'um silencio olympico. Os deuses não se incommodam a olhar para baixo. Já a *Real Associação Agricola* barafusta contra o governo, por elle não ter feito uso ainda das celebres auctorisações parlamentares, e a imprensa democratica em religioso mutismo.

E' que anda preocupada com os achaques do sr. José Luciano de Castro. Ou então com produções litterarias d'algum novo genio que surge na poesia nacional.

As questões capitaes da vida dos povos, que são as questões de pão e de instrucção, não são, decididamente, questões que entusiasmam ninguém em Portugal. E comprehendem-se. Não se prestam ao estylo, nem a fazer versos!

A' moção Kanitz, na Alemanha, succedeu-se uma luta gigantesca. Vencidos successivas vezes no Reichstag, os agrarios procuraram a força na associação. Além do Bund der Landwirte outras sociedades se crearam, cobrindo o paiz de cooperativas. Um dos homens mais dedicados á cooperação agricola sob todas as suas formas, Von Graz Klanin, publicou uma brochura celebre, intitulada *Kornhäuser contra Kanitz*, onde se esforçava por demonstrar que, no actual estado do commercio dos trigos na Alemanha, o monopolio de importação não daria vantagens aos agricultores, mas aos intermediarios, revertendo a favor d'estes todos os beneficios d'uma alta artificial dos preços.

Concluia pela necessidade da organização da venda cooperativa com a criação de silos, muito mais imperiosa, dizia, que as medidas sensacionaes propostas ao Reichstag.

A propaganda de Klanin encontrou echo, e o governo prussiano, desejoso de dar á agricultura uma compensação a tantos revezes, decidiu-se a sacrificios em favor da cooperação na venda dos cereaes. E dotou e auxiliou efficazmente os Kornhäuser.

Mas na Alemanha o povo defende os seus interesses e os democratas não limitam a sua democracia a declarações banaes e ridiculas. Estes viram logo que os Kornhäuser iam terminar, da mesma forma, no monopolio, não já feito directamente pelo Estado em favor do Estado, mas feito ou auxiliado pelo Estado em favor exclusivo do dono da terra. E a resistencia popular tornou-se mais

energica ainda, do que o fóra, á moção de Kanitz.

Isto n'um paiz onde o trigo se vende quasi por metade do preço porque se vende em Portugal.

O sr. Bernardino Machado tem razão. Entre nós tudo se faz por espirito de imitação. Na nossa inferioridade, temo-lo dicto muitas vezes. Mas, como repetidas vezes tambem o temos dicto, ha muita maneira de imitar. Os homens, como os povos, intelligentes e sensatos, imitam o que é bom e só o que é bom. E, além de imitarem só o que é bom, sabem-no accomodar ás differenças de circumstancias e de meio.

Os idiotas, os desequilibrados, os pedantes, imitam tudo quanto é novidade, tudo quanto é moda, feia ou bonita, boa ou má. E, ainda pelo mesmo pedantismo, exaggeram a moda até ao ridiculo. Já Eça de Queiroz, com o seu grande espirito de observação, o notava nos *Maia*. a proposito das botas *despropositadamente compridas* dos cavalleiros que passeavam na Avenida. Essa simples forma de botas dizia elle, explicava todo o Portugal contemporaneo.

Imitamos da Inglaterra o livre cambismo. Mas imitamos da França e da Alemanha o protecționismo. Com a differença de que ficamos com as botas, como sempre, *despropositadamente compridas. Exaggerámos o modelo, deformamo-lo, estragamo-lo até á caricatura.*

N'essa corrente caricata se deixaram ir os proprios partidos que se dizem revolucionarios. Lá fóra, esses, ao menos, ficaram fieis ao livre cambismo, ou só admitem um protecționismo moderado.

Em Portugal, custa o pão o dobro do que custa no estrangeiro, tudo o mais attingiu um preço exorbitante, sem igual em outro paiz da Europa, e não ha um projecto de republicanos ou de socialistas!

Todos calados. Todos contentes.

Querem ser *immensamente brancos*, ainda na phrase expressiva d'Eça de Queiroz. Mas, por mal de nós todos, persistem sempre *immensamente pretos*.

E d'ahi não passam.

A. B.

A VOZ DA OFFICINA

Diz este estimado collega de Vizeu que não estavam bem informados quando affirmamos que só o general Miguel de Figueiredo e o dr. Eduardo David tinham recorrido em Vizeu, depois do capitão Homem Christo, ao registo civil, por isso que o director d'aquelle periodico tambem fez registrar civilmente o nascimento de dois filhos.

Sem duvida que ignoravamos este facto, d'outra forma não o teriamos occultado, antes com muito prazer o teriamos referido e applaudido. Se nunca esteve nos nossos habitos deixar de dizer a verdade seja contra quem fór, tambem não está nos nossos habitos deixar de a affirmar a favor de quem quer que seja.

Isto em geral. Em particular, todos os actos que representam uma affirmação de principios liberaes nos são agradaveis.

Não é com alegria, antes com tristeza e máguia, que registamos e censuramos todos os attentados a esses principios, quando commettidos por pessoas que dizem professa-los.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, da 2 ás 4 da tarde, no Jardim Publico, é o seguinte:

Ordinario. *L'Arlesienne*, pot-pourri, (Bizet); *Fleur du Fre*, Capricho (Gloria); *Phantasia da opera Ruiz Blaz*, (Marobeti) *Ensenanza Libre*, pot-pourri, (Giminez) *Homenagem*, Ode Simphonica (Reis); *Adozinda*, Mazurka (***)

Methodo João de Deus

Lê-se na Resistencia:

«Como noticiámos, o sr. capitão Homem Christo começou na escola official da Sá Nova a série de conferencias que organiso para fazer conhecer dos professores e professoras primarios o methodo de João de Deus.

As conferencias tem continuado regularmente, sempre muito concorridas de professores e professoras, assistindo o inspector e sub-inspector de instrucção primaria.

O sr. Homem Christo tem pelo largo habito do ensino uma exposição simples, clara e insinuante, sabendo prender a attenção pela mobilidade da phisionomia intelligente que procura nós olhares dos ouvintes os signaes de haverem comprehendido, simplificando a exposição ou demorando-se a accentua-la, segundo as indicações da phisionomia dos alumnos.

O grande amor, que tem pela diffusão da instrucção em Portugal, dá-lhe a paciencia necessaria para levar a bom fim o ensino de ler e escrever, não se impacientando nunca, sabendo poupar a attenção dos alumnos por forma a não os fatigar nunca.

A sua voz ora breve, ora carinhosa e doce revela o longo habito de ensinar, as suas qualidades de pedagogo.

As conferencias continuarão até sabbado.

D'ellas daremos noticia desenvolvida no proximo numero.

Por hoje limitamo-nos a felicitar o sr. capitão Homem Christo pelo successo da patriótica empreza que ha muito enceton e que começa a ser ollhada, sem o classico encolher d'hombrós particular á indifferença da nossa raça, com o interesse que merece pelo alto valor patriótico que tem.»

Lê-se na Resistencia:

O ENSINO DAS PRIMEIRAS LETTRAS NO EXERCITO

«Não era sem fundamentos que diziamos, no domingo ultimo, que vários officiaes e sargentos de infantaria 23 estavam no proposito de ministrar este anno o ensino das primeiras lettras aos recrutas.

Os srs. capitães d'aquelle regimento Joaquim Maria Ferreira, José da Silva Bandeira, Boaventura de Noronha, José Ferreira Martins, Domingos dos Santos Freitas, Francisco Manuel Homem Christo e Francisco da Costa Pessoa declararam officialmente que assumiam a responsabilidade de fazer ministrar o ensino litterario aos recrutas das suas companhias.

Opportunamente publicaremos os nomes dos officiaes subalternos e sargentos que ajudarem aquelles capitães na realisacção do seu nobillissimo intento.

Aos srs. capitães, porém, que ficam mencionados, prestamos desde já a nossa publica homenagem de respeito com os nossos mais vivos e calorosos applausos.

Bem merecem do exercito e da patria.»

Amigos de Peniche.

Lê-se n'uma correspondencia de Agueda para o *Progresso de Aveiro* que o sr. Joaquim Rodrigues da Graça, apesar de adversario politico do sr. dr. Homem de Mello, deixou de assignar a *Nova Corneta do Diabo* por achar indignos os processos empregados pela firma Palma Cavallão & C.ª—Successores—contra aquelle cavalleiro.

Pois tenha a certeza o sr. dr. Homem de Mello de que tem um maior amigo n'esse adversario politico do que em varios *amigos correlegionarios* d'Aveiro. Estes, ao mesmo tempo que se desbarretam deante do *amigo politico*, vão alimentando a *Corneta* que cospe sobre o *amigo* todas as infamias.

Sim; não é censura-lo, nem combate-lo. E' dirigir-lhe as ultimas infamias, o que faz muita differença.

D'esses amigos conhecemos uns poucos.

Amigos de Peniche!

Reunião de proprietarios

DE

MARINHAS

Realizou-se no domingo passado, n'esta cidade, uma reunião dos principaes proprietarios de marinhas, para accordarem na melhor forma de adquirirem um rebocador para fazer seviço na nossa barra e constituirem uma associação para defeza dos seus interesses.

Presidiu a essa reunião o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, presidente da camara, tendo por secretario o sr. Amadeu de Faria Magalhães.

Depois de alguma discussão e varias alvitres, foi resolvido nomear duas commissões, sendo uma composta dos srs. dr. Francisco de Moura, dr. Rodrigues Soares, dr. Peixinho, Jorge Faria e Agapito Rebocho, encarregados de estudar as bases e organisar os estatutos para a instituição de uma associação de classe dos proprietarios de marinhas de Aveiro, e outra composta dos srs. presidente da camara e presidente dr Associação Commercial, incumbida de estudar os meios praticos de obter um rebocador para o serviço da nossa barra.

A reunião esteve muito concorrida e animada.

A ideia é boa e oxalá a vejamos em breve posta em pratica.

È AGORA

Palma Cavallão & Comp.ª—Successores—fazem correr pela cidade que é *agora* que o sr. Jayme Lima nos vai reduzir a pó.

Ai é agora?

Então vamos fazer *confissão geral*.

Ora estes idiotas que não se convencem de que o *silencio é de ouro!*

1.º de Dezembro

Projectam os estudantes do lycen festejarem este anno, ruidosamente, o 1.º de dezembro. Para isso elegeram uma commissão que tem andado a angariar subsidios para fazer face ás despesas dos festejos.

Está já contractada a illuminacção do largo, duas bandas de musica, esperando se ainda que a banda de infantaria 24 tambem n'elles tome parte.

No largo municipal haverá illuminacção de serpentinas a gaz, o que será d'um bonito effeito. Estamos, pois, certos de que as festas estarão á altura da dacta memoravel do 1.º de dezembro de 1604. E para a tornar saliente ahí temos o sanguenovo e quente dos nossos academicos que, lembrando-a, a aclamarão, ruidosamente, como é proprio dos seus verdes annos. Muito bem.

A NOSSA CARTEIRA

Tem passado encommoado de saúde o nosso amigo sr. Luiz Henriques, motivo que o teve retido em casa algum tempo.

Vae melhor e desejamos-lhe o seu completo restabelecimento.

Partiu para Lisboa, o nosso velho amigo sr. Antonio Maria Ferreira.

Esteve na semana passada em Aveiro, o nosso patriocio sr. José Fernandes Mourão, digno administrador do concelho de Espinho.

— Os pensamentos são as raizes do homem, e o chão d'onde elles recebem a vida é o céo.

O PADRE

O padre atira foguetes—e julga que nos esmagou!—porque no *Povo de Aveiro* se escreveu:

«Ninguém pôde comparar o padre Vieira, que fazia parte da camara anterior, com o padre Rodrigues da Costa, que faz parte da vereação actual. O padre Vieira é padre por engano. Não é um profissional. É professor do lyceu e conserva-se padre já que o fizeram padre, mas lamentando no fundo da sua consciencia esse engano e chorando intimamente o estyga que lhe gravaram na fronte. Pôde elle dizer que não. Diga-o á vontade, que não o acreditamos. E não o acreditando é o melhor conceito em que o podemos ter.»

Ora isto quer apenas dizer que nós acreditavamos na sinceridade do padre Manuel Rodrigues Vieira, quando elle se rojava nos nossos pés, confessando a sua admiração e a sua sympathia por um homem que tem passado a vida a combater as religiões, a combater o clericalismo, a combater os padres. Se Manuel Rodrigues Vieira tinha a sympathia e a admiração, que confessava, por um homem que tanto se tem distinguido pela sua propaganda anti-clerical, Manuel Rodrigues Vieira não era um padre sincero, não era um profissional, era padre por engano, havia de lamentar no fundo da sua consciencia esse engano, e chorar intimamente o estyga que lhe gravaram na fronte. Padre, coitado, tinha de cumprir o seu fadario. Mas nós é que não acreditavamos que elle o cumprisse alegremente.

Assim pensavamos, e era esse, diziamos muito bem, o melhor conceito em que o podíamos ter.

Pensavamos mal, enganavamos-nos? Que diabo! Se você não fosse um asno, padre Vieira, não nos vinha atirar com isso á cara, porque isso só redundava em desprestigio seu.

Você, padre Vieira, não nos conhecia. Nunca tinha falado connosco. Contudo, você admirava-nos. Assim o disse espontaneamente na *Vitalidade*. Assim o disse espontaneamente em cartas que nos dirigiu. Ninguém lhe pediu que o escrevesse na *Vitalidade*. Ninguém lhe pediu que o escrevesse em cartas que nunca esperámos, por isso que não tinhamos com você relações de qualidade nenhuma.

Pois você, sem nos conhecer, sem ter trocado connosco uma unica palavra—nem de vista nós o conheciamos, nem de vista o conhecemos ainda hoje—escrevenos cartas declarando-nos a mais funda sympathia e a mais profunda admiração, escreve artigos especiaes a nosso respeito tecendo-nos os mais rasgados louvores, e não quer que tivéssemos acreditado na sua sinceridade?

Qual foi o nosso crime? Onde está elle? Em o suppôr a você um homem sincero quando você o não era?

O' homem, então o mal é sen! Era você um desavergonhado? Parece que sim. Mas é boa, essa de você nos tomar a nós a culpa da sua desvergonha!

Porque nos admirava você o padre Vieira? Você tinha nos conhecido em creança. Depois, nunca mais nos encontrô. Admirava-nos, portanto, pelos nossos escriptos. Você mesmo o disse n'uma dessas cartas que nos escreveu. Ora os nossos escriptos sobresa-

haram sempre pela propaganda anti-clerical. Você escreveu a nosso respeito os artigos laudatorios passada já a campanha das irmãs da caridade. Você escreveu-nos as cartas preciosas—preciosas, só, por revelarem nitidamente o seu character—depois de termos sido aclamado no theatro pelos nossos artigos de propaganda anti-clerical. Sendo você padre, podia sentir essa admiração, podia manifesta-la em artigos jornalisticos e em cartas, sendo um padre sincero, sentindo e amando a sua profissão?

Podia, sendo um biltre. Mas bem vê você que ninguém parte d'essa hypothese. Um padre não é um pandilha. Pôde ser um elemento de retrocesso, perigoso á liberdade e á civilisação, mas tem o dever de não ser um garoto. É um homem de educação. Pôde e deve ser um homem de sociedade. Além d'isso, você era, e é, professor do lyceu. Pois nós podíamos lá imaginar, deviamos, por ventura, imaginar, que você era um pulha de tal ordem que vinha espontaneamente, sem conhecimento prévio, sem relações pessoas que tal auctorisassem, dirigir-se a um homem, que n'esse instante nem de si se lembrava, para lhe dizer: «Oiça lá, senhor fulano, olhe que tem aqui um amigo, um homem que sympathisa vivamente consigo, um homem que lê ha muitos annos os seus escriptos e que sente por elles a maior admiração?»

Nunca. Nós não podíamos imaginar isso, padre Vieira. Não podíamos, nem deviamos. E não podendo nem devendo imaginá-lo, era uma obrigação moral e um dever de cortezia dizer de si aquillo que dissémos.

Mas você não era sincero. Você fazia aquillo por hypocrisia, por garotice, por especulação politica. Tivemos as provas d'isso, provas que todo o mundo conhece, que todo o mundo viu. Claro é que não podíamos ficar pensando de você aquillo que pensámos nos primeiros instantes. Tudo isto é coherente, tudo isto é logico, tudo isto é correcto. Só você o não entende, porque você, além de tudo, é asno.

Duplamente, triplamente asno, padre Vieira. A sua escola de garotice é charra. Você quer ser melro e não percebeu ainda que não passa de pardal. Se você fosse, ao menos, um garoto fino, não ficava espetado na rateira que armou aos outros.

Você foi um asno quando nos escreveu aquellas cartas. Você foi um asno quando escreveu cartas identicas ao dr. Homem de Mello. La fiado no silencio em que suppunha que ficaria sepultada a sua revoltante hypocrisia, sem se lembrar de que tendo procedido como um gaiato não havia de ficar cercado das immundidades que nos homens, sómente, se concedem. Você é um asno com essa mania que se lhe metten agora na cabeça de apanhar os outros em contradicções e que dá logar a vergulhadas como esta.

Um asno!
Ainda por cima é um asno!
E no domingo lh'o acabaremos de provar.

— Acontece nos gracejos o mesmo que á musica: pouco dá prazer quando é boa; enfada quando é prolongada.

Fallecimento

Acaba de fallecer em Campolide o sr. Diogo Maria Serrão, chefe da estação d'ali e que por muitos annos foi empregado subalterno e chefe da estação d'esta cidade. Era muito novo ainda e muito considerado pela Companhia Real pelo bom desempenho do serviço a seu cargo. Era casado em Aveiro com uma filha da sr.^a Perpetua Marques de Jesus, estabelecida á Praça de Luiz Cypriano. O seu cadaver veio para esta cidade.

O seu saimento para o cemiterio esteve imponente, vendo-se n'elle incorporado o que em Aveiro ha de honesto e distincto.

Sobre o feretro descanzavam cinco formosas corças, derradeiras offertas de familia, de amigos dedicados e dos empregados do caminho de ferro, de quem o finado era extramecido.

A todos os seus os nossos sentimentos.

Estamos a vér que algum dia nos apparece ali em qualquer jornal algum annuncio muito parecido com este:

ABORTAMENTOS

«Fulana de tal, com bastante prática em provocar abortos e outras mésinhas concernentes á mesma arte, promptifica-se a executar esses trabalhos em sua casa ou em qualquer parte onde seja chamada, a preços razoaveis.»

Não nos admiraremos.

Isto desceu tudo e dá até vontade de rir.

E a Clara do Maio é quem mais se deve rir.

Bravo, seus *Borges*.

Largo de S. Domingos

Está n'um verdadeiro desmazello o largo de S. Domingos.

Não é raro verem-se por alli gallinhas a pastar, roupas a córar ou garotos a jogar a malha enchendo o recinto de pedregulhos. O largo, nas condições em que está, presta-se a ser gradeado com facilidade e com pouco dispendio.

Porque o não mandará, pois, a junta regularisar e gradear?

Além do seu aformoseamento evitam as vergonhas que acima apontamos.

Esperamos que a Junta da Parochia nos attenderá, attendendo tambem assim os desejos do povo da freguezia.

O *Chica* tambem gosta da cavallaria e por isso quer cá a cavallaria. E' porque aquelle diabo morre por andar montado.

Tambem, segundo nos informam, não lhe agrada menos o penacho branco e emplumado no capacete. E por isso quer a cavallaria.

Pois se a questão fosse só por causa do penacho escusava ella de voltar para onde o publico não satisfeito está com a infantaria. Penachos berrantes e garbosos encontra-os elle á mão logo que assim o reclame. Sômos nós que lh'os despachamos. E em grande velocidade. E' só pedir por bocca.

"Povo de Aveiro,"

Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

CORRIDAS VELOCIPEDICAS

Teem hoje logar as corridas velocipedicas, promovidas pelo *Recreio Artístico*.

Haverá por isso, logo á tarde, grande animação na ponte da Dobadoura, ponto de chegada dos cyclistas.

Lá iremos tambem.

— O entusiasmo é bom porque eleva o espirito, mas a critica é melhor ainda, porque o esclarece.

O verão de S. Martinho

Estamos em pleno verão de S. Martinho. Dias lindos, com sol de oiro e d'uma amenidade encantadora, como que convidando-nos a sair de casa para os gosarmos.

O *Santinho* foi este anno ruinosamente festejado pelos seus devotos e com as libações borraças de que são capazes os experimentados em taes commetimentos.

Consta-nos que *frei Chica* o festejou tambem a seu gosto, não deixando por isso em mãos alheias os seus bons creditos de bebedor eximio do fino de *Se-mo-dão*, marca porque elle é apaixonadissimo.

O que não sabemos é se foi elle quem andou pintando cruzes a cal branca pela rua d'Arrochella. Nós não acreditamos em tal, mas a Maria do Bico que tem olhinho do diabo, como ás vezes se diz, é que jura e bate fé que foi elle quem tal praticou.

E ás vezes o diabo é tandeiro e o summinho da uva faz desnor-tear a cabecinha ainda aos mais sisudos e circunspectos.

E demais bebendo-se do fino. O diabo o jure.

Agradecimento

A viuva e familia do fallecido João Pedro Soares, agradecem penhoradissimos a todas as pessoas que concorreram ao funeral e o visitaram durante a sua doença.

Testemunham tambem a sua gratidão a todas as pessoas que os cumprimentaram e os acompanharam n'este doloroso transe.

Julgando ter cumprido com o seu dever, pedem desculpa de qualquer falta involuntaria.

Aveiro, 14 de novembro de 1903.

Eugenia Augusta Soares.

Agradecimento

Manuel Rodrigues Branco e Joanna Rosa Pereira Branco, veem por este meio, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, agradecer a todas as pessoas que se dignaram enviar-lhes sentimentos pela morte de seu chorado filho, Manuel Rodrigues Branco Junior, que Deus foi servido chamar á sua presença no dia 4 de novembro, e a todos testemunham o seu eterno reconhecimento.

Equamente agradecem ao sr. dr. Armando da Cunha Azevedo o cuidado e carinho com que tratou o desventurado na terrivel enfermidade que durante muito tempo o deteve ao leito, patetando-lhe assim, tambem, o seu mais vivo reconhecimento.

Aveiro, 11 de novembro de 1903.

Apparato bellico

Na terça-feira atravessaram as ruas da cidade tres individuos escoltados por meia duzia de policias, de arma ao hombro, o que muito fez despertar a curiosidade indigena. Avertiguado o caso, soubemos que eram dois individuos de Vagos e um da Gafanha, accusados, o ultimo de ter disparado um tiro n'um individuo em S. Bernardo, onde se tinham envolvido em desordem e os dois primeiros de lhe porporcionarem a fuga depois de preso pelo cabos de policia d'ali.

Consta nos que um dos policias que effectuaram as prisões, trocara ao sahir de casa o boné de pala pelo chapéu grosso de fútrica, o que muito o fez sobresaltar quando lhe notaram o engano. E, tão atarantado ficou, que na precipitação em que fez a troca tomou rumo desconhecido e deu com os ossos em Rio-meão.

Mas como elle tem boas pernas de andarinho e altas como o pharol da Barra, facil lhe foi encontrar de novo os seus camaradas em Vagos.

Foi o que lhe valen, porque do contrario sempre apanharia a sua guarda de castigo.

E não era bem feito?

PUBLICAÇÕES

Canções d'Alguem, por Marcos Algarve—Livro d'um Revolucionario.

Marcos Algarve é um nome já conhecido nas letras portuguezas. Este seu novo livro é uma collecção de poesias, onde a par do sentimento do poeta vibra a indignação do revolucionario.

Abre por uma dedicatória a João de Deus, o *Principe dos Lyricos*.

A ti, doce João
Dedico as minhas flores;
Fibras—do coração
Galas—d'intimas dores.

A ti, meigo algarvio,
Consagro esta chimera:
Ratificações—do frio
Crenças—da primavera.

A ti, que foste a calma
Dos Pobres e Opprimidos,
Endereça a min'alva
Os sinceros gemidos.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido.

Almanach do Algarve para 1903 e 1904. Dirigido por Marcos Algarve. Collaborado pelos mais distinctos escriptores algarvios. Illustrado.

Excellent. Com magnificos artigos, em prosa e em verso, de Marcos Algarve, José Castanho, João Lucio, Carlos Fuzzeta, Bernardo de Passos, etc.

Tratado de contabilidade, por Ricardo de Sá, da EDITORA.

Recebemos as cadernetas 13 e 14. Esta publicação, como temos dicto, é utilissima a todos os que seguem a vida commercial, e a todos os homens de negocio.

Semana Illustrada.—Recebemos o 1.º numero d'esta magnifica publicação. Sahe todos os domingos, com 8 paginas, collaboração variadissima, bellas artes—modas, labores, novellas, romances, musicas, etc. Série de 15 numeros na provincia, 350;—de 30, 650.

Assigna-se na rua Paschoal de Mello 133—LISBOA.

Moda Universal.—Tambem recebemos o n.º de novembro, d'esta excellente publicação de modas illustradas. Como do costume a *Moda Universal*, apparece com oito paginas, grandes. As gravuras reproduzem lindissimos figurinos para todos os trajos de senhoras, meninas e bebés. Assigna-se na rua Aurea, 178—Lisboa.

Temos em nosso poder a *Historia de um Fogo-Morto*, do illustre escriptor José Caldas, editado pelos nossos correligionarios Lello & Irmão, proprietarios da acreditada livraria Chardron, e outras publicações, de de que, por falta de espaço, só poderemos dar noticia detalhada no proximo numero.

O nosso folhetim.

Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje o folhetim do excellent romance de Camillo Castello Branco, «O olho de Vidro».

Que nos relevem os nossos leitores a falta involuntaria.

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 25 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Pelxe—A VEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

No mesmo estabelecimento tomam-se encomendas de «marés» de junco.

Bibliotheca HORAS ROMANTICAS

Collecção de obras litterarias e scientificas notaveis, dos melhores auctores, antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros

SEM RÉIS CADA VOLUME
ROMANCE, POESIA, THEATRO, ARTE, HISTORIA, CRITICA
Edições esmeradamente revistas, traducções confiadas aos melhores escriptores, obras de auctores antigos e contemporaneos
PUBLICAÇÃO MENSAL AOS VOL. DE 160 A 200 PAG.
100 réis o volume

Cada pagina de leitura por menos de um real

IDÉA E FINS DA PUBLICAÇÃO

O fim d'esta publicação é o de encorajar para que o povo portuguez conheça a sua litteratura e a dos outros povos, por meio da vulgarisação d'obras primas tornando-as familiares e accessiveis a todos. De nenhum outro modo poderia a Bibliotheca Horas Romanticas conseguir este seu principal objecto, que não fosse o de se facilitar ao alance de todas as fortunas, pelo seu preço baratissimo.

A Bibliotheca Horas Romanticas publicará de cada auctor, o mais selecto, o melhor, o que é indispensavel ser conhecido. O seu formato será elegante, commodo e portatil. Abundantissima a leitura de cada volume. A sua barateza inexcelsavel.

E' nosso empenho conseguir que a Bibliotheca Horas Romanticas seja tão instructiva como delectosa; que os seus livros possam chegar ás mãos de todos constituindo em todas as familias e em todas as corporações associativas uma encyclopedia consoladora, a qual todos estimem e tragam frequentemente manuseada. Os volumes da nossa Bibliotheca offerecerão a facilidade de serem lidos durante os ocios das diversas occupações quotidianas de cada leitor. A Bibliotheca Horas Romanticas será uma collecção preciosa de verdadeiras obras primas.

VOLUMES PUBLICADOS

- N.º 1 a 3.—«Quo vadis?» por Henry Sienkiewicz.—N.º 4.—«Vida e aventuras de Lazarillo de Tormes», por Diego Hurtado de Mendoza e H. de Luna.—N.º 5.—«Eulalia Pontois», por F. Soulié.—N.º 6.—«A amoraia fatal», por E. Berthet.—N.º 7.—«O Senhor Eus», por Salvatore Farina.—N.º 7 a 7b.—«O fogo», por Gabriel d'Annunzio.—N.º 8.—«Caricias d'uma noiva», Bjornstjerne de Bjornson.—N.º 9.—«Palavra de soldado», por Joigo Elwall.—N.º 10.—«A pelle do Leão», por C. de Bernard.—N.º 11 a 13.—«A morte dos Deuses», por Dmitry de Merejkowsky.—N.º 14.—«A corda do carrasco», por Petosi.—N.º 15.—«Idylls á beira d'agua» (2.ª edição), por Alberto Pimentel.—N.º 16.—«Terras malditas», por V. B. Ibanez.

Remette-se qualquer d'estes volumes, FRANCO DE PORTE, a quem enviar a sua importancia á «A Editora» (antiga casa David Corazzi)—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

ANNUNCIOS

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para acoague nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, esturme, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br. 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da GARTILHA, preço 53000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas lições da GARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 68000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicãs sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag., 500 réis.

Prosas, (narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis.

Campo de Flores, Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indispensavel que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, pótem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra

Extrahê, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos es melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

“PFAFF,”

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.
A machina «PFAFF» para alfaiates.
A machina «PFAFF» para modistas.
A machina «PFAFF» para sapateiros.
A machina «PFAFF» para seleiros.
A machina «PFAFF» para corrieiros.
A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.

Pegam catalogos illustrados que se remettem gratuitamente.
Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

LIVRO COMMERCIAL
TRATADO DE CONTABILIDADE
Pelo guarda-livros RICARDO DE SA
Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Atheneu Commercial de Lisboa Perito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

E sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recommendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha approximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

RUODIMENTOS DE AGRICULTURA
POR
ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO
LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECCAO GERAL D'INSTRUCÇÃO PUBLICA
PREÇO PELO CORREIO, 280 RÉIS
A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na **CASA EDITORA LIVRARIA AILLAUD** Rua do Ouro, — 242-1.º LISBOA

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO
POR
JOÃO DE MENEZES
A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.
Preço 200

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ARMAZENS DA BEIRA-MAR

DE **MANUEL CONÇALVES MOREIRA**

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22
R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, lino, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, boudados, rum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria** bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flores artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviamencommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.